

INTRODUÇÃO ÀS LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL

AGRUPAMENTOS E
FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS
MAIORES, POLÍTICA E
EDUCAÇÃO ESCOLAR
INDÍGENA

Volume 1

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp (*in memorian*)
Profª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profª. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profª. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Profª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Paulo Henrique de Felipe
Angel Humberto Corbera Mori
Jackeline do Carmo Ferreira (orgs.)

INTRODUÇÃO ÀS LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL

AGRUPAMENTOS E
FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS
MAIORES, POLÍTICA E
EDUCAÇÃO ESCOLAR
INDÍGENA

Volume 1

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

De Felipe, Paulo Henrique

Introdução às línguas indígenas do Brasil : agrupamentos e famílias linguísticas maiores, política e educação escolar indígena / Paulo Henrique de Felipe, Angel Humberto Corbera Mori (org.), Jackeline do Carmo Ferreira. – Campinas : Mercado de Letras, 2022.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86089-42-4

1. Brasil – Línguas indígenas 2. Linguagem e línguas I. Corbera Mori, Angel Humberto. II. Do Carmo Ferreira, Jackeline. III. Título.

22-112586

CDD-498

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas indígenas : Brasil : Linguística 498

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta

Foto de capa: Paulo Henrique de Felipe

(crianças brincando no Rio Kurisevo ao entardecer (Território Indígena do Xingu)).

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final pós produção dos autores

bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Este livro é dedicado à Profa. Dra. Lucy Seki, falecida em junho de 2017, cujo trabalho com os povos indígenas é inaugural no Brasil, e cujas pesquisas e orientações contribuíram não somente para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras, sobretudo das línguas Kamayurá e Krenak, como também para a formação de novos pesquisadores, que a elas ainda se dedicam.



Fo

(Foto cedida por Celia Harumi Seki. Arquivo familiar)

Para sempre, Lucy!

SUMÁRIO

Dedicatória
À Lucy, à mamãe 9
Celia Harumi Seki

Dedicatória
À Lucy Seki, por seu legado
à linguística sul-americana 13
Andrés Romero-Figueroa

APRESENTAÇÃO 17

Parte I: AGRUPAMENTOS MAIORES

Capítulo 1
TRONCO MACRO-JÊ, SUAS FAMÍLIAS E LÍNGUAS 23
Wilmar R. D'Angelis

Capítulo 2
TRONCO TUPÍ, SUAS FAMÍLIAS E LÍNGUAS 63
Cristina Martins Fargetti

Parte II: FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS MAIORES

Capítulo 3

FAMÍLIA ARAWAK E SUAS LÍNGUAS 103

*Paulo Henrique de Felipe, Angel H. Corbera Mori,
Jackeline do Carmo Ferreira*

Capítulo 4

FAMÍLIA KARIB E SUAS LÍNGUAS 147

Ana Carla Bruno

Capítulo 5

FAMÍLIA PANO E SUAS LÍNGUAS 171

*Raphael Augusto Oliveira Barbosa,
Gláucia Vieira Cândido*

Capítulo 6

FAMÍLIA NAMBIKWÁRA E SUAS LÍNGUAS 219

Stella Telles

Capítulo 7

FAMÍLIA TUKANO E SUAS LÍNGUAS 251

Nathalie Vlcek

Parte III: POLÍTICA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL

Capítulo 8

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
NO BRASIL: DO FEITO AO FAZER... 283

*André Marques do Nascimento,
Terezinha Machado Maher*

Capítulo 9

A POLÍTICA INDIGENISTA NO BRASIL 325

Wilmar R. D'Angelis

LISTA DE ABREVIATURAS 361

ORGANIZADORES E AUTORES 369

Dedicatória
À Lucy, à mamãe,

Celia Harumi Seki

Quando falamos de Lucy Seki, pensamos na intelectual, na linguista, na pesquisadora aplicada e incansável que analisava meticulosamente, descrevia detalhadamente e diligentemente buscava entender cada partícula das línguas indígenas – as que ela estudava, as estudadas por seus orientandos, as que seriam abordadas nos cursos de educação indígena. Lucy não fazia uma análise fria ou fragmentada. Para entender a língua e suas estruturas, ela mergulhava na cultura, na religiosidade, nos costumes e mitos do universo de seus falantes.

Para chegar a esse ponto, como muitos brasileiros, mamãe percorreu um caminho denso, com obstáculos que lhe exigiram persistência e força de vontade. Sempre que se falava no que havia por trás de sua intensa vontade de estudar, a história de como tinha aprendido a ler era lembrada por meu avô como prova de sua determinação:

Lucy Soares Ferreira, terceira das cinco filhas de Maria Odete e Aristides Soares Ferreira, nasceu no dia 27 de março de 1939, em Belo Horizonte. Com um ano e quatro meses, adoeceu de paralisia infantil. O diagnóstico foi feito anos depois, por acaso, quando um famoso ortopedista da época, José Henrique da Matta

Machado, foi à rua da sua casa para cuidar de uma vizinha, que quebrara a bacia. O médico prometeu ao meu avô que trataria da menina, desde que pudesse ficar com ela por três anos. Assim, aos seis anos, Lucy foi internada no Hospital da Baleia, em Belo Horizonte, para tratar da doença, que afetava a sua perna direita. Ela aprendeu a ler e a escrever ali, durante as visitas de seu pai, aos domingos, e com pessoas que se dispunham a ensinar às crianças internadas. A vontade de aprender na escola em vez de no hospital, aliada à sua inteligência e inquietude, teriam criado em mamãe essa gana pelos estudos.

Durante o ensino superior, quando cursou História na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, Lucy conjugava trabalho e estudos e o cansaço dessa rotina a fez procurar por bolsas de estudo que lhe permitissem se dedicar exclusivamente à vida acadêmica. Depois de três anos de tentativas, ela conseguiu uma bolsa para estudar na Universidade da Amizade dos Povos, em Moscou, para onde embarcou, em 16 de agosto de 1963.

Na ocasião, meu avô Aristides lhe escreveu:

“De um tronco de família, por mais insignificante e modesto que seja, dos seus filhos sempre se destaca um mais afoito, mais destemido e estudioso, com mais ou menos afeto e com desejo ardente de se desenvolver, de se destacar daqueles que o rodeiam. Sempre julguei na minha modesta vida, ser um modelo, não dos melhores, porque me foge esta ideia, esse juízo de vaidade; mas sempre querendo que as minhas filhas enveredassem pelo caminho da honra e do dever; que as minhas filhas fossem muito mais além do que o seu pobre pai; pois não me foi facultado essa felicidade de ser educado, ou melhor, instruído, preparado enfim para melhores dias. Você minha querida filha Lucy, foi uma destas que se destacou da família, com seu espírito irrequieto e insaciável. Tem sofrido reveses na sua vida física, mas nem por isso lhe foi torado o brilho da sua inteligência, a força da sua vontade; pelo contrário, como

um capricho da Natureza, quer mais, muito mais. A vontade no ser humano é tudo, quando êle sabe querer, quando êle deseja algo de superior, algo que o possa fortificar e enobrecer. (...)”

Escrita em Pirapora e datada de 29 de julho de 1963, essa carta foi um dos muitos tesouros que encontramos durante o período de organização dos arquivos pessoais de mamãe e que oportunamente pretendemos publicar. Com essas linhas, vovô conseguiu (d)escrever muitas das características de Lucy.

Na vida privada, Lucy teve muitos outros talentos e gostos. Tinha habilidade manual, bordava e costurava. Gostava de plantas e cuidava com zelo, especialmente as mudinhas que recebia de vovó. A música sempre esteve presente na nossa família, principalmente por causa de meu avô, que tinha ouvido absoluto e, apesar de ter concluído somente o primário, era um ótimo instrumentista: tocava sax e clarineta em grupos de chorinho. A família toda tinha facilidade para música, e mamãe, talentosa que era em tudo o que fazia, não saiu diferente. Gostava de cantar, de tocar e, sempre que podia, reunia amigos, orientandos e a banda da família, chamada “Mé do Lado”.

Seki, o sobrenome que todos conhecem, foi adotado depois do casamento com papai, Hiroshi Seki, em 1974. Ele, como ela, era também um viajor. Aportou do Japão aos 21 anos de idade e, após cumprir seu tempo na lavoura, trabalhou em diversas cidades do Brasil como representante comercial e, depois, com medicina oriental, tendo a ventosa como especialidade. Meu pai sentia saudades do seu país de origem, por isso, estava sempre em São Paulo, ocupado com o trabalho e com a colônia japonesa, e, a partir do fim dos anos 1980, passava temporadas à trabalho no Japão. Ele faleceu cedo demais, aos 54 anos de idade, e a responsabilidade de tocar o barco, as demandas da casa, o cuidado com os filhos, eu, Célia Harumi e meu irmão, Augusto Hiroyuki, ficaram com mamãe. O trabalho acadêmico, as viagens aos cursos indígenas, as pesquisas de campo, as idas a congressos, o trabalho com os Kamaiurá e

com os orientandos eram o elixir da sua vida, a força motriz que a conduzia.

Para além da linguística e da academia, Lucy nos ensinou a respeitar a diversidade e as diferenças, a lutar por ideias e pelos próprios ideais, a observar tudo por vários e diferentes ângulos, e a procurarmos fazer a diferença - para o bem - com nossas ações e conhecimentos. Felizmente, somos muitos, as privilegiadas e privilegiados, que pudemos conviver e aprender com ela.

Sorocaba, SP, 30 de abril de 2020.

Dedicatória
À Lucy Seki, por seu legado
à linguística sul-americana

Andrés Romero-Figueroa¹

A entrevista que Aline da Cruz e Olga Coelho fizeram com Lucy [LIAMES 18 (2), 414-428]² teve um grande impacto em mim. Cada linha impressa naquela entrevista tratava de um tópico sobre o qual eu poderia antecipar o ponto seguinte. Ler a entrevista foi como conversar com a Lucy mais uma vez. Tudo o que lá foi dito já me era conhecido. Foi fascinante. Nunca uma história me foi tão real.

Eu comecei a acumular esta história desde 1989, em Eugene, Oregon, nos Estados Unidos. Lá, no meio de um workshop sobre linguística amazônica, Lucy e eu começamos a construir um carinho sólido um pelo outro. Nós nos vimos pela última vez em Viena, em 2012, no 54º Congresso de Americanistas. A linguística era sempre o pano de fundo de nossos encontros.

1. Professor titular na Universidad Católica “Andrés Bello (UCAB)”, Caracas, Venezuela.

2. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/liames.v18i2.8652695>.

Nessa entrevista com Aline e Olga, Lucy destaca o papel fundamental que teve em sua vida a antropóloga Carmen Junqueira, quem a guiou para os Kamayurá, na década de 1970, e também de Alexander Kibrik, seu orientador de doutorado, em 1973.

Eu pude testemunhar a profundidade dessas relações. Certa vez, em 1992, eu estava andando com a Lucy por uma rua de Campinas quando, inesperadamente, nos encontramos com a Carmen, na entrada de um prédio. Aquele foi um momento carregado de emoção. Em Moscou, em 2001, acompanhei-a a Lomonosov para visitar Kibrik, que nos recebeu em seu escritório. Os dois conversaram em russo em um tom muito respeitoso e cordial. Os fatos mencionados reiteram sua qualidade humana e a profundidade de seu treinamento como linguista.

Lucy se aventurou na linguística quando era difícil fazê-la no Brasil; e, para isso, precisou se afastar dos seus. Ela compreendeu claramente que seu tempo em Moscou selou seu compromisso com aqueles que aspiravam a se tornar profissionais em linguística, e, especialmente, com aqueles que implementavam a educação intercultural - uma tarefa indeclinável e urgente para ela. Hoje, sem dúvida, pode-se dizer que a Lucy colaborou na formação de muitos linguistas em seu país e no exterior, e que ela é uma figura de destaque na concepção e na configuração dos programas de educação indígena.

Durante as muitas horas que compartilhamos, Lucy se mostrou academicamente uma exímia linguista, e, pessoalmente, seus traços mais relevantes, na minha opinião, eram a humildade, a solidariedade e o latino-americanismo. O último, aliás, lhe permitiu desenvolver relações além das disciplinares. Lucy era uma latino-americanista rigorosa, e, talvez, devêssemos segui-la com a mesma intensidade, a fim de proteger a herança que isso implica.

Ela estava convencida de que, na defesa das línguas originárias, o estudo sistemático e ordenado delas era de importância primordial. Defendia que as línguas europeias concorrentes eram poderosas demais para que houvesse um equilíbrio de uso com as línguas originárias dentro de determinados contextos geográficos. A perda da vitalidade destas últimas, no entanto, poderia impedir

a educação de seus falantes em um quadro de interculturalidade recíproca, afirmativa e simétrica.

Para a Lucy, uma linguista excepcional, as línguas indígenas eram emblemas latino-americanos “que deveriam ser uma fonte de inspiração para as gerações mais jovens”. Se acredito em alguma coisa hoje, é que a própria Lucy, com seu legado e sua história, constitui uma fonte de inspiração para aqueles que estão interessados nos aspectos linguísticos e culturais das línguas indígenas da América.

Nós éramos aqueles que, em vários lugares - que me lembro, Campinas, Varsóvia, Quito, Sevilha, Hermosillo, Cidade do México, Buenos Aires, Rio de Janeiro - discutiam de perto questões relacionadas a línguas faladas desde o norte do México até a Patagônia. Passamos muito tempo compartilhando conhecimentos formais, e, todos os presentes, sem exceção, sabiam sobre seu progresso em Kamayurá, e também sobre seu grande coração e sensibilidade. Lucy incentivou a solidariedade. Ela era uma grande mulher e uma professora exemplar.

A jornada de Lucy ao infinito, talvez prematura, embora devido ao caminho que lhe estava destinado, trouxe profunda tristeza a muitos de nós. Nesse momento, o tempo a transformou em uma memória inapagável. O vazio permanecerá. E qualquer esforço para perpetuá-la sempre será significativo.

Caracas, Venezuela, 4 de outubro de 2019

APRESENTAÇÃO

*Paulo Henrique de Felipe
Angel Humberto Corbera Mori
Jackeline do Carmo Ferreira*

Apesar de vivermos em um país multilíngue (e também multicultural), onde convivem povos falantes de variadas línguas, famílias e troncos linguísticos, e não apenas aquelas línguas instrumentalizadas pelo ensino escolar, como o Português e algumas poucas línguas estrangeiras, o estudo sistemático e científico das línguas indígenas é recente. Para se ter uma ideia, nos primeiros 300 anos de colonização, as únicas línguas indígenas estudadas, com exceção do kariri, foram aquelas pertencentes ao tronco tupí, para as quais é possível encontrar materiais descritivos já a partir do final do primeiro século de colonização (como a gramática de Anchieta (1595) e Luis Figueira (1687) por exemplo, e outros trabalhos posteriores produzidos por missionários e não-missionários).

As informações sobre línguas não-tupí faladas no Brasil só começaram a surgir, segundo Seki (2000), a partir do século XIX, por meio do trabalho de estudiosos que estiveram em contato com falantes nativos dessas línguas, por força de pesquisas voltadas as suas áreas de interesse ou mesmo para a catequização. Em razão disso, aliás, é que essas pesquisas pouco estavam voltadas para o

estudo dessas línguas em si, mas apenas para a pesquisa individual de cada pesquisador ou para o ensino religioso, no caso dos missionários.

A preocupação com o estudo científico das línguas indígenas brasileiras se inicia somente a partir dos anos 30 no Brasil, quando José de Oiticica (1933) chama a atenção para a necessidade de se estudar as línguas a partir de uma perspectiva mais sistemática. Nessa época, embora a Linguística já estivesse em fase de constante expansão no exterior, ela ainda inexistia no Brasil (Seki, 2000, p. 236). O processo de implementação da Linguística enquanto uma ciência autônoma nas universidades brasileiras se dá somente a partir da década de 60, e o estudo das línguas indígenas a partir de uma perspectiva científica foi ainda mais retardado pela presença massiva do *Summer Institute of Linguistics (SIL)*, uma instituição missionária que, de acordo com Seki (2000), fez uso do trabalho linguístico como roupagem e meio de desenvolver seu trabalho de catequização dos povos indígenas brasileiros. A partir então da década de 80, com a volta de pesquisadores brasileiros que foram sobretudo doutorar-se no exterior, que a Linguística indígena brasileira experimentou um grande desenvolvimento e que as universidades e centros de pesquisa passaram a produzir um maior número de pesquisas voltadas ao estudo de aspectos das línguas indígenas faladas no território nacional.

Atualmente, embora depois de mais de 500 anos de genocídio e constante negligenciamento das demandas sociais e linguísticas dos povos indígenas, cerca de 150 línguas ainda são faladas no Brasil, e a indefinição a respeito do número exato de línguas se deve, dentre outros aspectos, à carência de estudos abrangentes sobre as populações indígenas e seus idiomas, que mesmo hoje ainda não são exaustivamente conhecidos. A região da Amazônia, por exemplo, é de acordo com Aikhenvald (1999) a área linguística menos conhecida e entendida do mundo.

O livro “Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas”, de Aryon Rodrigues, tem sido, desde sua

publicação em 1986, quase que exclusivamente o único material a traçar um panorama geral a respeito das línguas indígenas faladas no país. De lá para cá, entretanto, muita coisa mudou em relação às línguas indígenas brasileiras, de modo que o material que aqui oferecemos é um dos primeiros a apresentar, em língua portuguesa, uma descrição tipológica abrangente de aspectos da fonologia, morfossintaxe e léxico básico das línguas indígenas pertencentes aos troncos e às famílias linguísticas brasileiras (e também de outras línguas pertencentes a famílias linguísticas cujas línguas são faladas em países vizinhos). Nosso objetivo central, como organizadores deste livro (bem como do Volume II que completa a apresentação das línguas indígenas brasileiras) é que o leitor interessado possa conhecer mais a respeito da diversidade linguística que constitui o Brasil, e que as informações aqui apresentadas possam servir de pontapé inicial para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Este volume está dividido em três partes: na primeira, são apresentados os capítulos que tratam dos agrupamentos maiores, ou seja, dos troncos linguísticos Macro-Jê e Tupí; na segunda parte, são apresentadas as famílias linguísticas maiores, são elas: Arawak, Karib, Pano, Nambikwára e Tukano; e a terceira parte deste volume é dedicada à apresentação de dois capítulos que tratam de educação escolar indígena e de política indigenista, respectivamente.